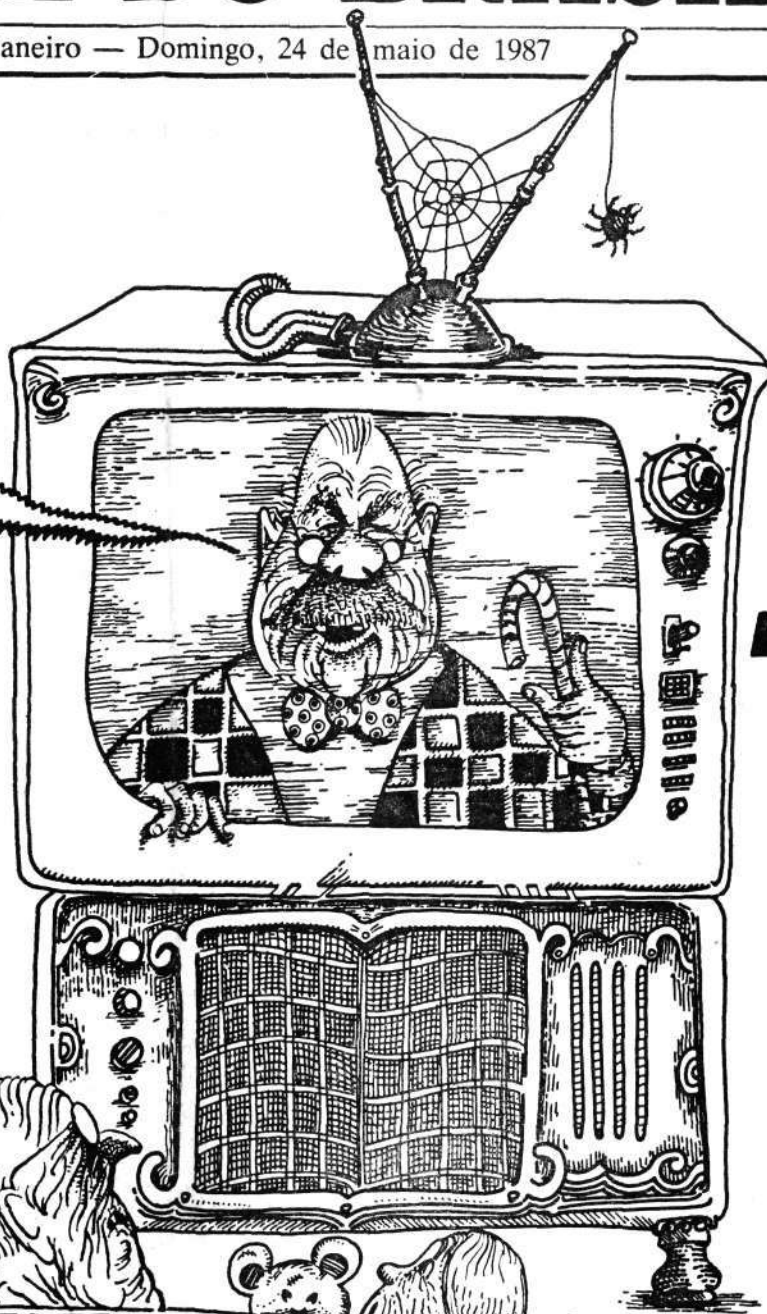


Caderno B / Especial

BE

SPECIAL

BRASILÉIAS
E
BRASILEIROS,
EU PHICO!



Esta República senil

André Gustavo Stumpf
De Brasília

O Brasil do presidente Sarney está aprendendo com rapidez que a juventude é uma doença que passa com o tempo. O país do futuro, capaz de entusiasmar observadores por sua incrível capacidade de solucionar problemas e dar respostas heterodoxas a questões controversas, está envelhecendo com uma velocidade só comparável a dos pacientes vitimados pelo mal de Alzheimer. Em pouco mais de dois anos, a euforia da Nova República, novo governo capaz de remover as desigualdades e promover o desenvolvimento deu lugar à depressão de uma sociedade pressionada pela banca internacional, proprietária de uma inflação avassaladora, sem reservas em moeda estrangeira e cada vez mais isolada do mundo. O Brasil dos últimos anos mostra um desempenho inferior ao que esse mesmo país já experimentou em outras décadas.

A regressão brasileira tem componentes de uma doença latino-americana que se faz presente na história de cada um dos países deste canto do mundo. A Argentina, por exemplo, era no início deste século uma das dez maiores economias do ocidente. Chegou a ser um país rival dos Estados Unidos. Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, quando os estudos técnicos ainda insistiam em prever um futuro de primeira potência para o vizinho do sul, Evita Perón fez uma viagem à França para conceder recursos destinados à reconstrução daquele país. Hoje, a França vai muito bem e a Argentina tenta se livrar de seus males cíclicos: militarismo, inflação e dívida externa. Argentina e Brasil são exemplos vivos de que não há determinismo no processo de desenvolvimento econômico. Há, apenas, inteligência e capacidade de criar soluções originais no momento apropriado.

Os brasileiros gastaram em dois anos um estoque de soluções capaz de dar inveja ao mais ativo criador de fórmulas. Primeiro veio o choque heterodoxo, antecedido por uma

violenta inflação. A taxa de elevação dos preços caiu para perto de zero, mas as reservas em moeda estrangeira se esgotaram com incrível rapidez. Depois, o governo decidiu utilizar o plano cruzado para vencer as eleições. Atingiu seu objetivo, mas perdeu no longo prazo: o presidente José Sarney foi obrigado a admitir a crise, falar de seu mandato e concordar em que lhe retirassem um ano de governo. Mas que isso, para constrangimento do próprio presidente e de seus seguidores, ele foi obrigado a recrudescer, ou seja apelar para o recurso clientelista com o objetivo de garantir lealdades.

Restou pouco do sonho proporcionado pela Nova República. Quem, por exemplo, defendeu com vigor a adoção da moratória, começa agora a perceber que deixar de pagar compromissos internacionais é política que retira o país da convivência normal com o mundo e o põe numa posição menor junto a seus parceiros. A suspensão dos pagamentos não gerou benefícios, mas proporcionou a oportunidade para que os banqueiros internacionais adotassem uma posição mais rígida em relação ao credor inadimplente. Enquanto isso, os constituintes — que têm trabalhado muito — vão percebendo que os sonhos

de igualdade nem sempre se combinam com os de liberdade. É difícil compatibilizar um e outro conceitos, que só coexistem no famoso dístico francês de liberdade, fraternidade e igualdade.

Tudo isso faz com que um país envelheça prematuramente. Ao fundo, no cenário destas dolorosas descobertas, continuam vivendo a tentação totalitária, a ameaça do militarismo e a vocação de alguns civis para o regime forte e centralizador. O recente discurso do presidente José Sarney, na televisão, a todos os brasileiros, mostrou que tudo isso continua latente no Brasil atual. O chefe do governo falou da possibilidade de recessão, foi preciso na conceituação da necessidade de ter um mandato definido para poder administrar o país. A tradução lógica das palavras presidenciais é a de que, como está, o Brasil é ingovernável. Outros países que passaram por um processo de redemocratização também pagaram um elevado preço pela mudança de regime. Portugal, que sempre nos fornece material para estudos, viveu um período errático entre 1974 e 1980, até tomar a decisão de integrar-se à Europa e começar a conviver com as suas realidades.

Há uma semana, um general — que teve funções destacadas no governo Geisel — fez uma visita à sucursal do JORNAL DO BRASIL, em Brasília. Foi tomar um café e conversar um pouco. Entre uma e outra frase, fez questão de lembrar que em 1964 o governo caiu porque os civis mostraram total incapacidade de se entender entre si e construir uma sociedade organizada. "Os governos só desabam por essa razão", explicou. Sua interpretação da história é o desafio do presente, porque continuam a existir militares que sonham com o poder e civis que se deliciam com a perspectiva de um governo forte. Os competidores do Brasil no mercado internacional torcem pela derrocada da economia, e os banqueiros, insensíveis a problemas sociais, querem somente receber suas dívidas com juros gordos. São realidades brasileiras contra as quais é pouco produtivo brigar. Os sonhos da Nova República envelheceram. A juventude ingênua passou. O tempo acabou com ela. Restou o desafio da modernidade e da convivência brasileira com seus problemas, suas circunstâncias e seus projetos. Fora daí é o delírio. E, ao que parece, a fase do delírio também já passou.

